



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA SECRETARIA DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL

EDITAL AGOSTO DA IGUALDADE EDIÇÃO 2017- CHAMADA PÚBLICA Nº [001/2017]

PARTE E - ANEXO II

MEMORIAL SOBRE O MESTRE DIDI

Mestre Didi, Deoscóredes Maximiliano dos Santos, (1917-2013) foi um sacerdote e artista. Sua arte, bem como sua produção monográfica, vem de sua vivência com as religiões dos orixás e com a religião de culto aos ancestrais na Bahia. Além das artes plásticas, com exposições realizadas em diversas partes do Brasil, e no exterior (eventos na Nigéria, em Gana, no Senegal, nos Estados Unidos da América, na França, Alemanha, Inglaterra e na Argentina), Mestre Didi construiu também obras literárias.

Nascido em 02 de dezembro de 1917, por vários motivos poder-se-ia dizer que o menino Didi fora um bem nascido, diante de uma perspectiva do simbólico. No dia em que dona Maria Bibiana do Espírito Santo, Mãe Senhora, dava a luz ao seu único rebento, executava-se no Brasil pela primeira vez um samba ao rádio, a música “Pelo Telefone” de Ernesto dos Santos, o famoso Donga. Anos mais tarde, já na década de 1960, Vinícius de Moraes pediria a bênção a “Mãe Senhora maior Yalorixá da Bahia” na canção “Samba da Bênção”.

Em 1963, na capital baiana instituiu-se o dia Nacional do Samba: 02 de dezembro. Diversas representações de simbologias negras coadunam para o dia 02 de dezembro, quem sabe uma conspiração ancestral. O sacerdócio de Mestre Didi possui um link comprovado com o continente africano, com o reino de Ketu. Sua família biológica africana possui o sobrenome Asipà e constitui-se em uma das cinco células fundadoras do Reino de Ketu. São famosas as histórias de como Mãe Senhora, ao enviar carta ao Alaketu, Rei de Ketu, por intermédio de Pierre Verger, recebera o Título, o qual fora de sua trisavô, sequestrada no tráfico negreiro e trazida para o Brasil. A historiografia informa que o rei ficou surpreso com as comprovações da existência de uma descendente da Iyá Nassô e por conseguinte outorgou o mesmo título a Maria Bibiana do Espírito Santo.

Em 1980, depois de 55 anos de iniciado e após ter exercido o sacerdócio de Babá-Egum na Ilha de Itaparica, funda o candomblé de culto aos ancestrais Ilê Asipà, situado em uma transversal da Rua Orlando Gomes em Salvador. Os Asipà na África são importantes caçadores, ligados ao orixá Oxóssi, que provem a aldeia e lhes garantem, segurança. As obras do escultor Mestre Didi são inspiradas nos orixás da terra, elemento orgânico responsável pela permanência da vida.

A genialidade de todo artista consiste no olhar o que todo mundo olha, mas em ver somente o que o olhar criativo sabe ver. Os elementos de sua inspiração artística eram vistos desde sempre, desde o seu nascedouro, por ele e por todos os outros, também nascidos e criados no mesmo ambiente. Membro do terreiro de candomblé Ilê Axé Opô Afonjá foi iniciado no culto aos orixás por Mãe Aninha, Eugênia Anna Santos.

Em 1910, após anos de filiação à Casa Branca, Mãe Aninha funda o Ilê Axé Opô Afonjá. No citado terreiro de orixá, o Mestre exerceu diversos posto litúrgicos, inclusive o de Assogbá da Casa de



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

SECRETARIA DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL

Omolu. Neste mesmo território negro, sua mãe biológica fora iniciada e transformou-se na terceira mãe de santo da casa, tendo sido a iniciadora de diversas personalidades, entre elas Mãe Stella de Oxóssi.

No culto aos ancestrais, Mestre Didi teve iniciação aos 08 (oito) anos de idade. É, também, muito conhecida, a narrativa de como Mestre Didi foi tão cedo iniciado no culto aos mortos, ao ancestral, ao pai morto: Babá Egum. Acometido de uma enfermidade, sua mãe o levou para a ilha de Itaparica em 1925 em busca da cura. Caso não tivesse consciência ancestral, Mãe Senhora, filha do orixá Oxum, não teria levado o único filho para curar-se no culto aos mortos. O fato é que Mestre Didi viveu mais 87 (oitenta e sete) anos, pois falecera em 06 de outubro de 2013 por causas naturais. Em 1925 na Ilha de Itaparica, o título que receberá foi Kori Kowê Olukotun, o Escrivão de Babá Olukotum, um ancestral que em vida foi filho de Oxalá.

No Ilê Olukotum, Tuntun, na ilha de Itaparica, Babá Olukotum já havia renunciado a existência de um escritor com apenas 08 (oito) anos de idade, que lançaria sua primeira obra em 1946, 21 (vinte e um) anos depois. Seu primeiro livro, até hoje, é objeto de estudos por linguistas, historiadores, críticos da literatura e da cultura, além de curiosos diversos. “Yorubá tal Qual se Fala” é um dicionário-vocabulário ioruba e português, publicado em sua primeira edição pela editora e livraria Moderna. Mestre Didi transcendia os limites do uso do jargão religioso na citada língua africana, ele falava iorubá.

Merece um destaque especial e em separado a contribuição de Mestre Didi para uma dos grandes sucessos da música popular brasileira, a canção Babá Alapalá de autoria de Gilberto Gil.

Como educador, inspirado nos dizeres de Mãe Aninha sobre ver os filhos “[...] de anel do dedo aos pés de Xangô” o Mestre cria a Mini comunidade Obá Biyi, situada dentro do Ilê Axé Opô Afonjá. O projeto da Mini comunidade Obá Biyi deixou frutos, mas teve seu desenvolvimento de 1976 a 1986.

Com o brevíssimo histórico, fica fácil compreender as razões pelas quais parte significativa da intelectualidade brasileira e internacional quer transformar o ano dos 100 anos de nascimento de Mestre Didi em um conjunto de comemorações e agradecimentos.

Salvador/Ba, abril de 2017.

Secretaria de Promoção da Igualdade Racial